



RESENHA

Memórias de uma Conservacionista Brasileira

Márcia Helena Lopes ¹

RESENHA DO LIVRO:

Pádua MTJ 2015. *Conservando a natureza do Brasil*. Fundação Grupo o Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba, 216pp. ISBN 9788588912120.

Maria Tereza Jorge de Pádua está entre as personagens mais importantes da conservação da natureza no Brasil. Engenheira agrônoma de formação e conservacionista de coração foi pioneira na modernização da gestão pública das áreas protegidas brasileiras. É autora de diversos artigos e livros sobre parques nacionais e proteção da biodiversidade. A obra aborda a trajetória da autora à frente dos principais órgãos de conservação da natureza no país, IBDF e IBAMA. Já no início Maria Tereza adverte que o livro é um relato livre e pessoal, primeiramente gravado e depois transcrito, de fatos e acontecimentos que vivenciou como personagem central da proteção do meio ambiente nos anos 1970 a 1990. Ao percorrer as suas memórias o leitor tem diante de si um relato de uma *insider* e líder de um importante período para a conservação da natureza no Brasil.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, Brasil. malena.lopes@gmail.com

O primeiro capítulo é dedicado ao período de sua juventude e das primeiras experiências profissionais. Maria Tereza nasceu em São José do Rio Pardo, uma antiga região cafeeira do estado de São Paulo, e cidade onde Euclides da Cunha escreveu *Os Sertões*. Talvez venha daí a intimidade da autora com esta famosa obra sobre conflitos sociais no bioma caatinga, citada como fundamental na sua vida por causa do caráter ecológico que Cunha adotou no seu texto. A decisão de sair da casa dos pais para estudar agronomia (uma profissão essencialmente masculina em meados dos anos 1960), sem qualquer apoio financeiro já demonstrava a sua personalidade determinada e impetuosa. Característica está, que se tornou uma marca de sua atuação na defesa das áreas protegidas nacionais.

Maria Tereza conta como iniciou o seu caminho na conservação em 1968 trabalhando numa diminuta seção de parques nacionais (eram apenas três pessoas incluindo ela, a única técnica) dentro do recém-criado Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF). Esta foi sua grande escola. Nos 18 anos que permaneceu no órgão, ela participou diretamente de um longo esforço de reconceitualização e de estruturação de uma ampla rede das áreas protegidas nacionais. A grande ampliação do número de unidades de conservação foi consequência da elaboração do Plano de Sistema de Unidades de conservação do Brasil (pai do atual SNUC), finalizado e colocado em aplicação em 1979. A execução do plano incluiu vários biomas brasileiros, em especial a floresta amazônica, a criação das primeiras unidades de conservação marinhas e importantes projetos de proteção da fauna silvestre terrestre e aquática. Isso tudo configurou um balanço geral bastante positivo para a proteção da natureza brasileira, considerando a situação política do país, que vivia uma ditadura militar amparada por um modelo econômico agressivamente desenvolvimentista.

Mudanças significativas ocorreram entre 1968 e 1982. De 2,7 milhões de hectares protegidos existentes até 1979 passou-se a 20,5 milhões de hectares, de uma equipe de apenas três pessoas passou-se a uma equipe multidisciplinar de 80 técnicos ligados a organizações da sociedade civil e universidades e vários colaboradores estrangeiros, de peso, como Gary Wetterberg, Kenton Miller e Marc Dourojeanni; de uma pequena seção de parques perdida no interior de um órgão essencialmente produtivista como o IBDF, avançou-se para a estruturação de um departamento, embora ainda marginal dentro do órgão; de técnica assistente Maria Tereza tornou-se a responsável por toda a equipe de parques, alcançando reconhecimento nacional e internacional.

Como gestora, enfrentou inúmeros desafios à sua ambição de consolidar e ampliar um sistema de áreas protegidas que fosse representativo da riqueza natural do país. Ela se revelou uma mulher de campo e exímia negociadora. Sagaz, soube transformar dificuldades em oportunidades. Um exemplo ocorreu quando convenceu os militares a criar unidades de conservação nas áreas de fronteira na

Amazônia como parte da segurança do território brasileiro. Neste percurso conquistou muitos amigos, mas também alguns inimigos. Dos primeiros soube obter colaboração dos segundos alcançou respeito. Enfrentou balas de traficantes de animais no Pantanal, ameaças de morte em Brasília, conduziu tensas negociações com índios, fazendeiros, militares. No entanto, não fez tudo sozinha – ressalta isto em várias passagens do livro e agradece à sua equipe, apoiadores e colaboradores pela fidelidade e convicção compartilhadas.

Adelmar Coimbra-Filho, Alceo Magnanini, Celso Soares Castro, Wanderbilt Duarte de Barros, Paulo Nogueira Neto e Ibsen de Gusmão Câmara são lembrados como alguns dos personagens marcantes na defesa das áreas protegidas naquele período. Alguns se tornaram amigos pessoais e apoiadores incondicionais de Maria Tereza. Ibsen Gusmão, “o almirante verde”, foi um grande colaborador e amigo. Muitas conquistas ocorreram sob a sua influência direta, como a criação da Reserva Biológica do Atol das Rocas, primeira área protegida marinha brasileira, e da Reserva Biológica do Rio Trombetas. Paulo Nogueira Neto também é lembrado como amigo e parceiro de luta pela conservação. Maria Tereza faz questão de redimensionar o suposto desafeto entre os dois surgido da disputa envolvendo o IBDF e a SEMA sobre a competência institucional para a criação e gestão das áreas protegidas. Uma justa e honrosa homenagem é prestada aos guardas parques, homens que cotidianamente enfrentavam as agruras e os perigos de toda sorte nos recantos mais remotos do país. Nas palavras de Maria Tereza “sem eles não existe conservação da natureza”, eles são os verdadeiros “heróis da conservação”. O mesmo reconhecimento é dado aos diretores das unidades de conservação, que se empenham, sem o apoio devido, no cumprimento da tarefa de resguardar um bem comum.

Maria Tereza constrói uma narrativa leve e despretensiosa. A leitura é fácil, prazerosa e informativa. Entretanto, dado o peso da experiência da autora, seria desejável que ela abordasse de forma mais detida as questões altamente polêmicas ou conflituosas. O caráter não científico-acadêmico faz com este seja um livro destinado a um público amplo, daqueles que se interessam pela conservação da natureza.

Memories of a Brazilian Conservationist Woman

Submissão: 19/09/2016

Aceite: 09/11/2016